

Da Cidade Utópica à Cidade Metafórica: Reflexões para uma Antropologia nas Cidades a partir de Campinas*

CRISTINA MARIA DA SILVA**

Resumo

O objetivo do texto é pensar em combinações conceituais como experiência, encontros e narrativas e como estas articuladas ao método etnográfico nos possibilitam pensar em uma *antropologia nas cidades*. Este trabalho coloca em diálogo estas experiências através de apropriações teóricas e práticas espaciais e sociais na cidade de Campinas.

Palavras-chave: Cidade Utópica, Cidade Metafórica, Antropologia nas Cidades.

Abstract

The main of this paper approach the conceptual combinations as experience, encounters and narratives and their possible relations with the ethnographic method. This work puts in dialogue this experiences through the theoretical appropriation and the spaces and social practices in Campinas City. We propose to think about an Anthropology “in” Cities.

Key words: Utopian City, Metaphorical City, Anthropology in Cities.

* As primeiras reflexões desse texto surgiram no curso de Suely Kofes, em Março de 2007, Antropologia nas Cidades junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia UNICAMP.



** **CRISTINA MARIA DA SILVA** é Doutora em Ciências Sociais. Pós-Doc em Antropologia. Profa Adjunta do Departamento de Ciências Sociais da UFC.



Para pensar as cidades podemos seguir as rotas dos planejadores, os discursos dos que a gerenciam ou tomá-la como um texto que se escreve constantemente com o percorrer dos passos. É esse último caminho que pretendemos seguir. Talvez como um modo para

repensar os outros caminhos mencionados. Propomos pensar as cidades a partir de seus encontros, experiências e narrativas, tomando-a como um texto que se inscreve constantemente apesar dos discursos

que a orientam e das estruturas que a compõem.

As cidades são espaços privilegiados para pensarmos nas cartografias que a delimitam, mas também as suas paisagens e paradoxos entre a vida individual e coletiva, resistências ou ações que apontam a vida urbana como experiência e experimento das alteridades, lugares de viajantes, estrangeiros que também pincelam nesses espaços suas rotas e fabulações, apropriações muitas vezes “sem identidade, legível, sem tomadas apreensíveis, sem transparência racional, impossíveis de gerir.” (CERTEAU, 2009, p.161).

Como pensar a ideia de um lugar, como partir dele para compreender a organização de uma cidade e suas inúmeras práticas, astúcias e saberes? O lugar marca o próprio texto de quem escreve, atravessa suas pré-noções do que seja uma cidade. O lugar marca o itinerário de pesquisa, num lugar, múltiplos saberes se localizam e se singularizam.

Em suas caminhadas pela cidade, Michel de Certeau sugere que na Atenas contemporânea, os transportes coletivos se chamam *metaphorai*. Para ir ao trabalho ou voltar para casa, toma-se uma “metáfora: - um ônibus ou um trem. Os relatos poderiam igualmente ter esse belo nome, ele diz, pois todo dia, eles atravessam e organizam lugares; eles os selecionam e os reúnem num só conjunto; deles fazem frases e itinerários.

Em Certeau, há uma tentativa de olhar as cidades a partir das práticas urbanas. Ele nos provoca com uma série de evocações linguísticas como recursos metodológicos para pensar a cidade: “passos perdidos”, “errância semântica”, “enunciações pedestres”,

“sintaxes espaciais”, “significantes espaciais” e “geografias de ações.” Ou seja o autor sinaliza que para olhar as cidades não temos como olhar apenas para a linguagem dos poderes que a constituem cartograficamente e a administram, mas percorrer seus movimentos contraditórios que se combinam muitas vezes fora ou contornando essas demarcações civilizatórias.

Pensar a cidade a partir das práticas urbanas com olhares antropológicos que privilegiem outros acessos à concepção de cidade, considerando os relatos, os trajetos-corpos que a percorrem e das geografias de narrativas que a constituem.

A cidade não é um campo de operações programadas e controladas, de gestão e eliminação, pois ela se urbaniza com práticas e elas são múltiplas, com vários repertórios e demandas. Em Certeau vemos os limites da presença do traço e do conceito de cidade, que é instaurado com um discurso utópico e urbanístico, tomando os habitantes como universais e anônimos, definindo os lugares como estáveis e gestados por uma única ordem. Diante desses traços classificadores e utopias vemos surgir posições móveis, que tornam transformam esses quadros fixos dos lugares, em lugares praticados, atingidos por passos, por velocidades e temporalidades. Diante da inversão dos discursos que já não falam da cidade como lugar de manifestação do progresso, mas de catástrofe e crise, podemos pensar que a crise que se dá é a dos procedimentos que a organizam e que a administram. “Talvez as cidades se estejam deteriorando ao mesmo tempo que os procedimentos que as organizaram.” A organização, de ordem funcionalista, privilegiando o progresso (o tempo), faz esquecer a sua condição

de possibilidade.” (CERTEAU, 2009, p. 162;161).

Estes argumentos nos aproximam de noções como experiências, trajetos, encontros e narrativas para pensar a cidade, conceitos, reflexões e ações que se combinadas como as práticas etnográficas podem nos possibilitar a constituição de uma *antropologia nas cidades*. Para além dos discursos globais e macropolíticos, pensarmos as cidades a partir dos que nelas vivem, de seus passos, sejam eles de mobilização política, artísticas, olhares difusos, estrangeiros, mas que a compõem com um entrecruzamentos de fios e tecidos.

Nesse caminho que distingue e evidencia que ao lado da cidade utópica se instaura uma cidade metafórica, ou seja, uma cidade de muitos movimentos e práticas, muitas vezes contraditórias, vemos as proposições de Certeau, mas encontramos também Manuel Delgado ao pensar em uma visão antropológica partido das ruas, uma distinção entre a *polis* e a *urbs*, ou seja, diante da cidade planejada e concebida, pensarmos também na cidade usada e passeada. Em Michel Agier (2001) encontramos elementos para pensar uma antropologia da cidade, deslocando as situações etnográficas do objeto cidade, inatingível e normativo para os seus sujeitos e os modos como eles fazem a cidade.

Estas perspectivas, diante das quais também me coloco, olham para as cidades a partir das caminhadas de seus habitantes e como esses passos e rastros se transformam em configurações que garantem sentidos para o andar, construir e do habitar. Entre circulações, proibições, os “jogos dos passos” nem sempre se localizam, mas espacializam, ou seja, revelam as apropriações nesse fazer cidade que se dá por inúmeras combinações. O caminhar se coloca

como um espaço de enunciação, o passear, o andar apressado, o vagar, o apropriar-se dos espaços para o lazer, para o trabalho, para as diversas deambulações, tornam-se expressões e pontos de partida para compreender “o que faz andar”, onde e como se criam atalhos, desvios diante das proibições, como se vive e se contorna o lícito, o não lícito. Essa é a cidade metafórica, diante da qual “o usuário da cidade extrai fragmentos do enunciado para atualizá-los em segredo”. (Barthes apud CERTEAU, 2009, p.165).

De onde eu olho a cidade quando a teorizo? De dentro de nossas janelas, dos vidros fechados de nossos carros, nas sólidas posições de nossos lugares institucionais ou acompanhamos seus passos e seus ruídos? Seguimos seus passos perdidos e seus rastros ou partimos de seus cartões postais, tomando como dados os quadros fixos de suas histórias oficiais? Pensar a constituição da cidade associando elementos como a experiência individual, é considerar os trajetos em suas ruas, as quebras e descontinuidades nela existentes, evocá-la para além das planificações e geometrias. Descrever suas paisagens aliando a questão da linguagem, das narrativas, das experiências e da etnografia é talvez uma forma de observar as experiências cidadinas para além dos discursos gestores e disciplinares. Sairmos do traço e das cartografias e ampliarmos os cenários das políticas públicas que, muitas vezes, olham para as cidades, mas esquecem ou sublimam as práticas dos sujeitos que a habitam.

Uma Antropologia nas Cidades: relatos de uma experiência

O objetivo proposto para este trabalho foi *pensar nos espaços das artes e saberes em Campinas*, buscando inspiração em Michel de Certeau

quando ele afirma que o espaço é “o lugar praticado”. (CERTEAU, 2009, p.184). Este trabalho foi um experimento da disciplina Antropologia nas Cidades¹, no qual todos partiríamos de um mesmo ponto em nossas reflexões: A cidade de Campinas. Muitos foram os percursos e relatos construídos, sobre os imaginários dos habitantes, o uso do terminal de ônibus, os usuários dos pontos de saúde, as práticas de lazer e das artes. Ainda que a caminhada pela cidade tenha partido do mesmo lugar, os passos não foram os mesmos e nem os olhares, pois os tijolos da cidade tais quais os de Babel são dispostos por “sintaxes espaciais”, os lugares são tomados por palavras, cada grafia recria as espacialidades e suas rotas.

Teço algumas observações através das artes e saberes que ela constitui. Aponto algumas impressões sobre a cidade, as experiências de estar nela, minhas “caminhadas” na descoberta de suas narrativas, e de ter enfrentado o desafio de traçar passos, e mesmo tentar apreender algumas de suas nuances ou pelo menos imaginá-las. Tomo como ponto de partida a reflexão de Certeau quando pensa na idéia de “caminhadas pela cidade”, discutindo a questão do conceito de cidade às práticas urbanas do espaço. Visto que ela toma o espaço, onde se dão as invenções sociais, como lugares praticados. Isso me faz pensar no exercício etnográfico de narrar encontros e fazer no texto um encontro de narrativas, entre o que foi visto, lido e interpretado, pois as práticas da sociedade contemporânea já não nos permitem ver o campo como algo fixo a um território, mas espaços moventes.

¹ Disciplina ofertada pela Profa. Suely Kofes, no âmbito dos programas de pós-graduação em Antropologia Social e Doutorado em Ciências Sociais.

Levo em consideração, lembrando, principalmente de Michel Foucault, também da concepção de “lugar” do próprio discurso, seus pontos de partida e suas referências.

O campo se desloca, nos movimentos espaciais, temporais e da própria linguagem, nas sociedades contemporâneas, e isso ao contrário de gerar somente um “mal-estar” deve nos fazer trilhar por outros caminhos, e mesmo reconfigurar os já traçados, talvez seja a inquietude que faça uma etnografia não seguir por caminhos já delineados, mas seguir tão movente quando os mundos que ela pretende se aproximar pelo olhar e pela escrita. Visto que ela é uma “atividade textual, e é sempre um ato de escritura” diante de um “outro”. “Até mesmo a rua geometricamente definida pelo urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos- um escrito.” (CERTEAU, 2009, p. 184).

Diante desse movimento, de escrita e nos próprios mundos que percorrem as cidades, talvez seja válido lembrar a metáfora abordada por George Marcus, “suivre ou pister”, ou seja seguir pessoas, eventos, percorrer lugares, o que evoca a lógica desse espaço movente onde a etnografia se realiza a partir do trabalho de campo. (MARCUS, 2002, p. 9). O campo se desloca, e nesse sentido, a própria escrita também precisa se (des)colar para acompanhar seus passos, mas numa leitura que leve em conta a descrição e a observação de “perto e de dentro”, segundo Magnani (2002), buscando o caráter “local” das ações.

Lembrando de um dos questionamentos da disciplina, através das palavras de Suely Kofes, se é possível levar em

conta: “o contexto, entendido como as relações nas quais (e pelas quais) algo faz sentido, é ou não é necessário para a compreensão de algo?”, e mesmo em “qual seria a importância do espaço e do lugar quando o foco são as relações?”.

O lugar que olhamos sempre leva à marca dos lugares por onde passamos, talvez por isso traga particularidades, singularidades, na medida que está impregnado de experiências moldadas em passos do vivido, grafias individuais por um solo coletivo. O espaço e o lugar ganham sentido porque são neles que a linguagem e os relatos se configuram dando “ambiência” para as relações, as experiências neles se tornam possibilidades cognitivas. Neles, múltiplos narradores circulam, criam pontes e portas², espacializando vivências ou reconhecendo o “espaço como lugar das figurações” mundanas. (MAFFESOLI, 2001, p. 81;83).

Observar um Lugar...

Todo trabalho tem as marcas de um lugar, lugares, seja o do espaço físico, como os das próprias escolhas de pesquisa. Desse modo, está cercado por práticas cotidianas que os delineiam e lhes dão formas específicas, os olhares de quem as observaram e as mobilizações que os tornam possíveis. Tentar relacionar as diversas “políticas”, que marcam essas “invenções cotidianas” pode nos levar por diferentes caminhos, entre eles, prefiro me ater aos das “políticas da escrita.” Ressaltar que em tudo o que fazemos e escrevemos estão as marcas daquilo que somos. Assim, estamos tão passíveis de análise em nossas

pesquisas como nossos próprios “objetos” ou “abjetos.” Ao falar das cidades ou nas cidades quais os lugares centrais e quais as periferias que demarcamos? Dessa maneira, ao construir leituras do mundo por meio do que escrevo, certamente existe nisso uma política. Como lembra Jacques Rancière:

O ato de escrever é uma maneira de ocupar o sensível e dar sentido a essa ocupação. Não é porque a escrita é o instrumento do poder ou a via real do saber, em primeiro lugar, que ela é coisa política. Ela é coisa política porque seu gesto pertence à constituição estética da comunidade e se presta, acima de tudo, a alegorizar essa constituição. (RANCIÈRE, 1995, p.7).

Dessa maneira, seguindo uma concepção etnográfica, de descrição e observação poderíamos perceber de “perto e de dentro”, as “múltiplas redes, deslocamentos e conflitos”, que constituem e dão vida ao intrincado movimento das cidades. (MAGNANI, 2002, p.13; 16). Heterogeneidades que se abrigam nas práticas anódinas do habitar, do deambular, do ‘bater papo’, do amar, do bancar o esperto”. Práticas e rituais que constituem o essencial da trama social e que por muito tempo tiveram “sua admissão ao campo de uma sociologia séria, sempre recusada ou então buscava-se pôr em destaque o seu aspecto alienado.” (MAFFESOLI, 1988, p. 156).

Entre a Ilha, o Distrito e a Cidade

Logo, ao ir morar em Barão Geraldo, no início de 2006, eu fui recepcionada com a frase: “Seja bem-vinda ao Distrito das artes e dos bons botecos”, aquilo me pareceu intrigante, pois, traduzia minhas impressões, como estrangeira nas terras campineiras, de que havia certa separação entre Campinas e Barão

² Retomo aqui as metáforas de Georg Simmel, que nas palavras de Maffesoli relaciona a porta ao “que define, cerca, o que determina um território”, e a ponte, como “o que liga esse mesmo território ao exterior. (MAFFESOLI, 1996, p. 100).

Geraldo. O primeiro, era meu lugar de passagem, quando vinha de São Paulo, cidade onde morava no ano de 2005; Barão, também me parecia um lugar de passagem, ao qual eu vinha por estar estudando na Unicamp, e a universidade me parecia outro lugar que parecia suspenso do próprio Distrito, como também da própria cidade.

Pensando nesses entrecruzamentos de lugares, sobretudo imaginários, dessas impressões e deslocamentos iniciais, recordo que em uma das aulas, retomando Malinowski e sua experiência de pesquisa sobre os *Baloma: o espírito dos mortos nas ilhas Trobriand*, lembramos que ele a desenvolveu entre o Distrito, a Aldeia e a Ilha, o primeiro o locus onde recolheu o seu material de trabalho, e os seguintes como os lugares, nos quais a alma (*baloma ou balom*) dos mortos faz os seus percursos na companhia dos vivos em Kiriwina, nas Ilhas Trobriand. Apropriando-me desses deslocamentos, penso que ao pensar a constituição da cidade de Campinas, é possível pensar nos trânsitos entre a Cidade, o Distrito e Ilha, Campinas, Barão Geraldo e a Unicamp, nomeada no cotidiano, como “ilha da fantasia.”

O lugar de onde se fala é importante na definição metodológica do que se pretende observar e interpretar. Essa é uma pista interessante se quisermos pensar numa antropologia *nas* cidades, de pensar que para além dos planejamentos urbanos as cidades se organizam nos intrincados fios da vida cotidiana. Para além dessas estruturas, das leis e regras urbanas, as pessoas (re) criam laços, produzem éticas, edificam suas relações. Os lugares praticados entre essas três “geografias de ações” se dão de maneiras diferentes entre os seus habitantes, normalmente os estudantes

da Unicamp, não conseguem ter muitas referências sobre a cidade de Campinas, e guardam um maior contato com o Distrito e com a Ilha; os moradores de Barão, nem sempre têm muito contato com a Ilha, mas somente com o Distrito e a Cidade; e a própria Cidade, ou o que é considerado como tal, digamos o que sai dos limites desse Distrito e dos outros, como Joaquim Egídio, Sousas, também têm deslocamentos diferentes.

O lugar de onde falo dessas artes e saberes é o de pesquisadora na Unicamp, migrante de outras cidades, mas moradora do Distrito de Barão, e devido ao tempo habitando esse contexto, a de quem passa a tecer relações e interações com os que aqui moram. Portanto, as impressões trazem esses entrecruzamentos e são antes de tudo ensaios de experiências do vivido e do olhar. Pensando em “espaços das artes”, onde a música, a dança, a literatura, entre outras, poderiam estar circulando moldando a cidade em seus “lugares praticados de artes e saberes”, trazer algumas referências, nas quais percebo os fragmentos das artes que se configuram nos espaços das sociabilidades e socialidades. Ou seja, nos quais se dão através das artes relações com o lugar.³ Esses grupos e

³Como espaços, ou “lugares praticados citaria alguns de maneira mais geral: Em Campinas são vários, por exemplo, citaria: O Tônico's, o Bar informal, Casa Delta Blues, Barril da Máfia, a Estação Cultura, que fica na antiga estação ferroviária da cidade; Em Barão Geraldo: Borda de Ouro, o Bar do Jair, o Bar da Tonha (Canto do Acarajé), a Casa São Jorge, a Praça do Côco, a praça de Barão Geraldo, perto da Banca Central, é por exemplo, onde acontece o carnaval local e outros eventos locais de festividades mais populares, que tem como personagens os nativos, os migrantes e estrangeiros. Tem um site que traz outros dados sobre Campinas e seus distritos: <http://www.noitealta.com.br/>. Pensando em práticas, ou melhor, em grupos que se movimentam na cidade, apontaria: o Núcleo de

os espaços que vão criando as práticas da cidade nos fazem lembrar que a cidade é:

Habitada por diversos lugares de encontro, a cidade de hoje oferece ambientes diferentes onde grupos de pessoas vão se encontrar e dividir suas emoções, tudo isso segundo suas afinidades que passam antes pelo campo emocional e muitas vezes festivo em vez de passar somente pelo racional. (PITTA, 2005, p. 87).

Pensando nas práticas que eles socializam e que relações elas ativam, pensamos em como eles criam o lugar, para isso trarei algumas nuances disso pensando nos movimentos de um desses grupos, chamado Cupinzeiro, tendo em vista os entrecruzamentos que este faz por três lugares: a Ilha da Fantasia (Unicamp), O Distrito de Barão Geraldo e a Cidade de Campinas.

Michel de Certeau citando Pierre Janet, afirma que o que “criou a humanidade foi a narração”, os relatos seriam o organizadores dos lugares, ou seja, a palavra poderia ser pensada como o primeiro passo na composição das cidades. As noções de espaço, e de lugar estariam amarradas à linguagem. A cidade é recriada como um lugar praticado, através das “caminhadas” que fiz e li pela cidade e por suas narrativas. Um percurso de passos que se perdem e culminam num acompanhar de procedimentos “multiformes, resistentes, astuciosos e teimosos - que escapam à disciplina, sem ficarem mesmo assim fora do campo onde se exerce, e que deveriam levar a uma

Samba Cupinzeiro, o grupo de pifanos Flautins Matuá, O grupo de teatro e danças populares, Urucuncos, Puítas e Quijêngues. nome que significa três instrumentos africanos o: *berimbau, cuica e atabaque*). Este tem como uma de suas idealizadoras Raquel Trindade, filha do poeta Solano Trindade.

teoria das práticas cotidianas, do espaço vivido e de uma inquietante familiaridade da cidade.” (CERTEAU, 2009, p. 163).

O caminhar na cidade é uma maneira de dar passos entre a teoria, entre os lugares que conferem sentidos aos que nele habitam, entre as imagens que a cidade forja de si mesma e os deslocamentos tanto de quem a olha como das próprias apropriações das práticas urbanas. Para pensar nesses passos reflexivos, é preciso ter em vista que:

A errância, multiplicada e reunida pela cidade, faz dela uma imensa experiência social da privação de lugar - uma experiência, é verdade, esfarelada em deportações inumeráveis e ínfimas (deslocamentos e caminhadas), compensada pelas relações e os cruzamentos desses êxodos que se entrelaçam, criando um tecido urbano, e posta sob o signo do que deveria ser, enfim, o lugar, mas é apenas um nome, a Cidade. (CERTEAU, 1994, p. 183).

Artes e Saberes em Campinas

Ao caminhar por uma cidade, ainda que tenhamos nas mãos o seu mapa, os passos traçam outras ruas imaginárias, pois percorremos também pelas histórias que contam daqueles lugares. O Núcleo de Sambistas e Compositores Cupinzeiro foi fundado em 29 de junho de 2001, no Distrito de Barão Geraldo, na cidade de Campinas. O grupo tem como característica desde seu início ser um espaço aglutinador de pesquisa e de divulgação do samba brasileiro, sobretudo, do chamado “samba rural paulista”, tendo como um de seus lemas a seguinte frase: “o samba é a minha herança e eu mantenho a minha tradição.” Outra frase presente na comunidade do grupo no Orkut é: “um país que deixa a cultura do povo se

perder, nunca será uma nação”, do sambista Candeia.⁴ Numa letra de samba do grupo, intitulada: *Batuque Banto nas Fazendas de Barão*, do ano de 2004 eles dizem:

*O Bloco do Cupinzeiro vem à rua
Mente aberta, pés no chão
Mostrando a cultura do povo
Em plenas terras de Barão*

*Nas terras do Barão Geraldo de
Resende*

*O “Rei do Café” imponente
floresceu*

*Sob a chibata um povo de real
valor*

De pele negra, trabalhou e padeceu

*O mesmo povo demonstrou sua
bravura*

Preservou sua cultura

*Maior riqueza o Brasil não
conheceu*

*Batuque Banto nas fazendas de
Barão*

*“O Samba é minha herança
e eu mantenho a tradição.”*

E hoje o imperador mudou de nome

Impõe a guerra e a fome

Impede a liberdade cultural

Por isso solto a voz no Cupinzeiro

Num canto forte e mensageiro

Saudando a luta do negro ancestral

Por isso solto a voz no Cupinzeiro

Num fanto forme e mensageiro

Sambando neste carnaval

o “Boi Falô” pro batuque começar

*E o samba campineiro o meu bloco
vem cantar.*

Como outros grupos que circulam por Barão Geraldo e pela cidade de Campinas, o Cupinzeiro também traz em si essa ideia de levar a rua algo que fale das artes e saberes do povo e a preservação destes. Através das letras dos sambas seus compositores e

intérpretes buscam trazer as marcas presentes nas “terras do Barão Geraldo de Resende”, membro da aristocracia cafeeira da região e proprietário da Fazenda Santa Genebra onde floresceu o próprio Distrito e, consequentemente, a própria Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP. A ideia do “*Boi Falô*” é uma alusão a um dos mitos de origem do Distrito de que numa “sexta-feira santa”, um escravo tendo sido obrigado e castigado para trabalhar na referida Fazenda, teria ouvido um dos bois falar que aquele não era dia de trabalho, mas sim de “se guardar o dia do Senhor.” As alusões a esta estória estão presentes em nomes de restaurantes, eventos e aparece também nesta composição.

A Universidade surge com nesse terreno onde existia uma fazenda, neste território cresce o Distrito, aparecem os personagens desse cenário: os colonos, os moradores vindos de várias regiões do país e vão dando lugar também aos professores, pesquisadores, funcionários e estudantes que chegam de todos os lugares do mundo.

Entrevistei uma das componentes do grupo Cupinzeiro, chamada AnaBela Leandro, em sua casa na Vila Santa Isabel e ela narra o surgimento do grupo, as relações com a cidade, com outros movimentos que acontecem nela. O Grupo começou na casa dela, no qual várias pessoas interessadas em samba, nos temas abordados por eles se reuniam para conversar e debater, a cada quinze dias. Hoje conta com diversos integrantes, que na sua maioria não são de Campinas, mas de outros lugares, e nem estão somente na cidade, dando assim uma mobilidade ao grupo. Mas entre os principais componentes estão: AnaBela e Edu de Maria. O último defendeu uma dissertação de mestrado na Unicamp intitulada: “Roda

[FO1] Comentário: -É Anabela ou Ana Bela?

[FO2] Comentário: Ver acima?

de Samba: espaço da memória, educação e sociabilidade”, na Faculdade de Educação da Unicamp.

Comentando seu trabalho ele afirma que busca no samba não um gênero musical, mas uma “manifestação cultural”, uma “transmissão da memória do samba”, uma educação “não-formal”, num trabalho de “pesquisa e de troca para que os conhecimentos sejam socializados”. Conversando com ele, entendi um pouco da sua história e sua relação com o samba, ele já desenvolvia um trabalho educacional na cidade, é professor também e aliou à música, trazendo assim, através de letras, do repertório pesquisado pelo grupo uma “roda de samba e de saberes”, a serem compartilhados com a comunidade. O que ele destaca é que a formação dos grupos na roda de samba invoca um ecletismo, “o rural permeia o urbano” nos encontros de pessoas das mais diversas faixas etárias, crianças, idosos, jovens universitários, “gente da comunidade”, no qual através da vivência dentro desses grupos vai se “descobrir um papel social” no lugar.⁵

O grupo participa de eventos na cidade de Campinas, como a “virada cultural da cidade”, eventos nas praças da cidade, apresentações em programas de televisão do Estado, levando a mensagem de que há “Samba Paulista, Sim Senhor!”, onde eles trazem letras de sambistas como Geraldo Filme e Adoniran Barbosa, entre outros, numa

clara posição de que São Paulo tem samba sim e tem uma história, fazendo uma contraposição a supremacia e influência marcante do Samba carioca, bem como das grandes escolas, retomando as rodas de samba.

No carnaval atuam com letras de música que retomam esses mitos, mas também falam da cidade e das misturas que a compõem. Em 2007, com a letra Saci, o grupo se utiliza da imagem do saci para evocar mais uma vez as contradições vividas com a questão sobre a etnia negra, mas também para se contrapor as influências de outras culturas. No refrão do samba, é dito: “Menino que fez história/ Contra o império cultural/ Espante as bruxas neste carnaval.” Nele, segundo a cantora AnaBela, está uma referência à tradição do *Halloween*, (o dia das bruxas) norte americano, e sua incorporação na cultura brasileira, e que no carnaval esta seja exorcizada através da imagem do Saci, algo próprio da cultura brasileira. No mês de junho do mesmo ano apresentaram-se em Perdizes- São Paulo o mesmo participou do I Festival de Samba Paulista, e recebeu o prêmio de melhor letra, pelo samba “Lamento Negro.” Nesta letra uma alusão de que no samba tem o seu sangue do povo negro e em todo o Brasil o seu suor e que no pandeiro está presente a sua luta. Em 15 de julho 2007 o Núcleo recebeu a Medalha Carlos Gomes, reconhecimento da Cidade de Campinas pela sua contribuição à cultura local.⁶

Benjamin, citando Marcel Rêja, lembra que viajamos para conhecer nossa própria geografia. (Rêja apud BENJAMIN, 2002, p.700). Lembra

⁵ Parte das notas que aqui trago entre aspas estão na entrevista concedida pelo pesquisador no Jornal da Unicamp, com a matéria “Roda de Samba e de Saberes.” Publicado em Campinas, na edição de 23 de abril a 06 de maio de 2007. A Dissertação de Eduardo Conegundes de Souza defendida na Unicamp encontra-se disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/docum ent/?code=vtls000419182&fd=y>

⁶ A entrega da medalha foi feita na Câmara Municipal de Campinas a pedido do vereador Paulo Búfalo do PSOL.

Rainer Marie Rilke⁷ que afirma que para escrever um verso é preciso conhecer e ver várias cidades. (RILKE apud IANNI, 2003, p. 217). Desse modo, ao ler cidades, pensamos os sentido dos outros e relativizamos nossas próprias experiências. Esta leitura nos abre para capturamos as diversidades de suas grafias, bem como suas diferenças e a convivências entre elas e que são plurais as suas narrativas.

Referências

- AGIER, Michel. **Antropologia da Cidade:** lugares, situações, movimentos. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.
- BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX. In: LIMA, Luiz da Costa. **Teorias da Literatura em suas Fontes.** V. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades Invisíveis.** São Paulo: companhia das letras, 1990.
- CERTEAU, Michel de. VII. Caminhadas pela Cidade; IX. Relatos de Espaço. In: **A Invenção do Cotidiano:** 1. Artes de Fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- CÓRTAZAR, Julio. As Babas do Diabo. In: **As Armas Secretas.** Livro Vira-Vira 2. Rio de Janeiro: Edições BestBolso, 2011. Disponível em espanhol no site: Disponível na Internet no site: <http://www.literatura.us/cortazar/babas.html>. Acesso: Mar. 2007.
- DELGADO, Manuel. **Sociedades Movedizas.** Pasos hacia una antropología de las calles. Barcelona: Editorial Anagrama S.A, 2007.
- FOUCAULT, Mi chel. Nós Vitorianos. In: **História da Sexualidade 1:** a vontade de saber. 12ª ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1997.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Baloma: os espíritos dos mortos nas Ilhas Trobriand. In: **Magia, Ciência e Religião.** Lisboa: Edições 70, 1988.
- MAFFESOLI, Michel. Cap. VI “A correspondência física e social”; Cap.VIII. Epistemologia do cotidiano; Cap. IX. Saber social e saber sociológico. In: **O Conhecimento Comum:** compêndio de uma sociologia compreensiva. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988, p. 155; 193-259.
- _____. O Espaço da Socialidade. In: **A Conquista do Presente.** Natal: Argos, 2001, p. 79-93.
- _____. **No Fundo das Aparências.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- MAGNANI, José Guilherme. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Vol.17, n.49, junho de 2002.
- MARCUS, George. «Au-delà de Malinowski et après Writing Culture: à propos du futur de l’anthropologie culturelle et du malaise de l’ethnographie».
- ethnographiques.org**, Numéro 1 – avril 2002 [en ligne].(<http://www.ethnographiques.org/2002/Marcus> - consulté le 21.10.2011).
- PITTA, Tânia. Territórios, arquétipos e Tribos. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n.26. abril, 2005.
- RANCIÈRE, Jacques. **Políticas da Escrita.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

⁷ Trecho apud IANNI retirado de RILKE, Rainer Maria. Teoria Poética, trad. De Federico Bermúdez- Cañete Ediciones Jucar, Barcelona, 1987.